



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DA PEDAGOGIA A DISTÂNCIA  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAMILA BARBOSA REINALDO

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES E ESTÍMULOS  
PARA IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS**

JOÃO PESSOA - PB  
2022

CAMILA BARBOSA REINALDO

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES E ESTÍMULOS  
PARA IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luísa Nogueira de Amorim

JOÃO PESSOA - PB  
2022

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R3641 Reinaldo, Camila Barbosa.  
Literatura na educação infantil: contribuições e estímulos para imaginação das crianças / Camila Barbosa Reinaldo. - João Pessoa, 2022.  
40f. : il.

Orientação: Ana Luísa Nogueira de Amorim.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - modalidade a distância) - UFPB/CE.

1. Literatura infantil. 2. Contação de história. 3. Prática pedagógica. I. Amorim, Ana Luísa Nogueira de. II. Título.

UFPB/CE CDU 373.2(043.2)

CAMILA BARBOSA REINALDO

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES E ESTÍMULOS  
PARA IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 20/06/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Documento assinado digitalmente

Ana Luisa Nogueira de Amorim

Data: 05/07/2022 10:28:21-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luisa Nogueira de Amorim  
(Orientadora)

---

Pro.f<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emília Cristina Ferreira de Barros  
(Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veridiana Xavier Dantas  
(Examinadora)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa monografia ao meu esposo José Neto, que esteve todo tempo ao meu lado apoiando, incentivando e que não mediu esforço para me ajudar. Sem você ao lado esse trabalho não seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por te me dado sabedoria, paciência, perseverança para nunca desistir dos meus sonhos e por ter me dado força em todas as minhas decisões.

Ao meu esposo José Neto, que desde a inscrição e em todos os períodos me ajudou e esteve ao meu lado, pela compreensão e paciência demonstrada durante a criação do meu TCC, por ter segurado na minha mão para que nunca desistisse e, em especial, a nossa filha Maria Luíza, por você e para você todos os esforços que estou fazendo. Ao meu pai, minha mãe e meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado.

A todos os amigos que fiz durante a graduação, assim também aos amigos de longa data, em especial a duas amigas que estiveram ao meu lado, Jordânia que assim que entrei no curso sempre se fez presente me ajudando, e a Tathiane que sempre que eu precisava estava me ajudando, apoiando e dando forças para não desistir.

A todos os professores, tutores da Universidade Federal da Paraíba do curso de pedagogia que contribuíram com a minha formação, em especial a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luisa Nogueira de Amorim. Também a coordenadora do Poló de Cuité de Mamanguape Veralúcia, por cada apoio, por cada motivação, por está sempre a disposição dos alunos.

Enfim, a todos aqueles que de certo modo contribuíram para minha formação acadêmica.

## **RESUMO**

A literatura infantil tem grande importância na vida das crianças, sendo muito relevante para sua formação ouvirem muitas histórias. Este trabalho discute a temática a partir de uma pesquisa que procurou investigar a compreensão das professoras de educação infantil acerca da literatura infantil e as práticas realizadas com as crianças em um Centro de Referência do município de Sapé/PB. A pesquisa apoiou-se em autores como Kuhlmann Jr. (2010), Ujiie e Pietrobon (2008), Oliveira (1992), Nascimento (2015), Kramer (1995), Paschoal e Machado (2009) e Ferreira (2000), para fundamentar as breves considerações históricas sobre a Educação Infantil no Brasil. Além de Souza e Feba (1998), Coelho (1991), Lajolo (1986), Zilberman (1986), Bettelheim (2009), Abramovich (2009) e Alves (2006) para fundamentar a discussão sobre a literatura e sua importância na Educação Infantil. Os sujeitos da pesquisa foram três professoras do Pré-I do turno da manhã. Utilizou-se como estratégia de pesquisa a abordagem qualitativa e para coletar os dados foi utilizado um questionário estruturado com 6 perguntas subjetivas e uma questão de múltiplas alternativas. A análise das respostas dadas pelas professoras foi realizada a partir da análise temática. A partir dos dados foi possível captar que, apesar das professoras não terem sido claras sobre as fontes teóricas utilizadas por elas no dia a dia, percebeu-se que elas utilizam diversas técnicas ao trabalhar a literatura com as crianças, como: miniteatro, brinquedos lúdicos, varal literário etc., além de ter boa compreensão sobre a importância da literatura para o desenvolvimento criativo, social, emocional e cognitivo das crianças.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Contação de história. Prática pedagógica

## **ABSTRACT**

Children's literature has great importance in children's lives, being very relevant for their formation to hear many stories. This work discusses the theme from a research that sought to investigate the understanding of early childhood education teachers about children's literature and the practices carried out with children in a Reference Center in the city of Sapé/PB. The research was supported by authors such as Kuhlmann Jr. (2010), Ujiié and Pietrobon (2008), Oliveira (1992), Nascimento (2015), Kramer (1995), Paschoal and Machado (2009) and Ferreira (2000), to support brief historical considerations on Early Childhood Education in Brazil. In addition to Souza and Feba (1998), Coelho (1991), Lajolo (1986), Zilberman (1986), Bettelheim (2009), Abramovich (2009) and Alves (2006) to support the discussion about literature and its importance in Education Childish. The research subjects were three pre-I teachers from the morning shift. A qualitative approach was used as a research strategy and a structured questionnaire with 6 subjective questions and a multiple-alternative question was used to collect data. The analysis of the answers given by the teachers was carried out from the thematic analysis. From the data it was possible to understand that, although the teachers were not clear about the theoretical sources used by them on a daily basis, it was noticed that they use different techniques when working with literature with children, such as: mini-theatre, playful toys, literary clothesline, etc., in addition to having a good understanding of the importance of literature for children's creative, social, emotional and cognitive development.

**Keywords:** Children's literature. Story telling. Pedagogical practice

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL</b> .....	100
2.1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL .....	10
2.2 A LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL .....	13
<b>3. A LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	16
3.1 A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL.....	17
3.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL ....	19
3.3 O PAPEL DO DOCENTE NO ESTÍMULO DA IMAGINAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL .....	21
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	24
<b>5. DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS</b> .....	26
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIA</b> .....	34
<b>APÊNDICE</b> .....	38

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil é um dos meios para estimular a imaginação da criança. Aguçar esse prazer na vida de uma criança é apresentar a ela um mundo de encantos, contribuir para que ela possa ir além da fantasia, é fazê-la imaginar possíveis finais diferentes analisando os personagens que estavam presentes na história, mas nunca deixando de estimular a criticidade.

As histórias infantis trazem significados extraordinários, desenvolvem a capacidade de compreender por conta própria a temporalidade dos acontecimentos de cada história, ao recontar ou relatar a história é preciso que ela tenha começo, meio e fim, ou seja, é preciso verbalizar o texto com coerência e coesão. Souza e Feba (2011, p. 102) ressaltam que

De fato, por meio das histórias, é possível encontrar várias chaves que possibilitarão a criança pequena vencer grandes dificuldades. Algumas vezes, assim como na vida, essas “chaves” são guardadas por muito tempo antes de descobrir como usá-las.

A narrativa de histórias acaba, muitas vezes, preparando as crianças para entenderem dificuldades que estão passando em suas vidas. Conhecer mundos mágicos, mas com situações adversas, imaginar que, como nas histórias os personagens sempre têm um bom final, elas poderão também ter finais felizes na sua história real.

Trabalhar literatura na educação infantil proporciona à criança uma chance a mais de se interessar por leitura, porém, é importante destacar que ela não deve ser utilizada com o objetivo para facilitar sua alfabetização em um futuro próximo, pois assim ela perderia sua essência. É preciso que a criança sinta prazer, para que assim haja um desenvolvimento que contribuirá na sua formação como cidadã.

A contação de histórias, muitas vezes, é o primeiro contato com a literatura e escutá-las é o começo para um longo caminho de crescimento como uma pessoa protagonista, além disso, muitas vezes ela é uma potencializadora de aptidões, podendo desenvolver a fala, a oralidade e sensibilidade para a compreensão do mundo.

A escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso se deu porque logo após a conclusão do meu curso técnico do Magistério, tive a oportunidade de trabalhar alguns anos aqui no meu município em escolas de educação infantil e percebi que o momento mais importante para as crianças de todas as turmas que tive a oportunidade de lecionar era, sem dúvida, o momento da contação de histórias. Ver todas sentadas, observando cada detalhe, repetindo as onomatopeias e no decorrer da semana vê-las repetir o aprendizado da história em momentos comuns do dia a dia me marcou e me incentivou a pesquisar e conhecer mais sobre o tema.

De modo geral, é comum nas escolas professores utilizarem os livros de literatura infantil voltado para o ensino, focando em trabalhar a leitura sem observar a maturidade das crianças, outras utilizam apenas pontualmente em algumas situações. Outras não demandam de um acervo para prática ou não se preocupam na formação do professor em torno do uso da literatura em sala.

A partir dessa problemática, a pergunta da pesquisa é: quais as compreensões e as práticas das professoras de educação infantil sobre a literatura infantil?

À vista disso, o presente trabalho tem como objetivo geral: investigar as compreensões das professoras de educação infantil acerca da literatura infantil e as práticas realizadas com as crianças em um Centro de Referência do município de Sapé/PB.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Compreender as percepções das professoras sobre a literatura infantil;
- Investigar as fontes teóricas que embasam as percepções delas;
- Identificar as “técnicas” que elas utilizam ao trabalhar com a literatura com as crianças.

Assim sendo, é uma das funções desse trabalho permitir, para aqueles que tenham interesse, compreender, refletir e levantar discussões sobre o tema contação de histórias na educação infantil, visto que essa ação é uma atividade que contribui para a formação do sujeito, os informando e gerando reflexões acerca da realidade em que eles pertencem.

A pesquisa apoia-se em autores como Kuhlmann Jr. (2010), Ujje e Pietrobon (2008), Oliveira (1992), Nascimento (2015), Kramer (1995), Paschoal e Machado (2009), e Ferreira (2000) para fundamentar as breves

considerações históricas sobre a Educação Infantil no Brasil. Além de Souza e Feba (1998), Coelho (1991), Lajolo (1986), Zilberman (1986), Bettelheim (2009), Abramovich (2009) e Alves (2006) para fundamentar a discussão sobre a literatura e sua importância na Educação Infantil.

Esse trabalho encontra-se organizado em tópicos e capítulos. A introdução apresenta a pergunta e os objetivos da pesquisa. O segundo capítulo trata sobre breves considerações a respeito da história da Educação infantil no Brasil. O terceiro capítulo aborda a literatura infantil e sua importância na Educação Infantil. O quarto capítulo traz a metodologia do trabalho. O quinto capítulo contém as discussões das informações coletadas e a análise dos resultados. Por fim, as considerações finais e as referências.

## **2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL**

Na segunda metade do século XIX, no Brasil, as creches tinham caracteres assistencialistas e pouco se falava em primeira infância, seria o processo de urbanização e a organização do trabalho nas indústrias que contribuiria com o aparecimento delas. As famílias ricas viam o jardim de infância como um processo educacional científico, financiando com idéia de progresso pedagógico. Foi só a partir da Constituição Federal de 1988 que foi possível a inclusão de creches e da pré-escola no sistema educacional. Após alguns anos foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente que construiu outra forma de olhar para as crianças, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que inseriu a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica, definindo que a finalidade da educação infantil é a promoção do desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade. Após o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), outras leis e documentos foram publicados com o intuito de garantir e ampliar o direito das crianças a uma educação infantil de qualidade e, entre eles estão as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e a base nacional Comum Curricular (2018).

### **2.1 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL**

No mundo, a partir da segunda metade do século XIX, Paschoal e Machado (2009) apontam que eram as creches e o jardim de infância que formavam o quadro destinado as modalidades educacionais relacionado a primeira infância, porém, no Brasil, aconteceu de forma diferente, ao invés de ter um caráter pedagógico como se via na Europa, aqui as creches tinham caráter assistencialista com o intuito de ajudar as mulheres viúvas desamparadas, as que tinham que trabalhar fora de casa e acolher órfãos que, em uma sociedade patriarcal, muitas vezes, as crianças eram abandonadas para solucionar problemas de paternidade indesejada. Alguns setores da sociedade como o religioso, empresários e educadores, percebendo o alto índice de mortalidade infantil começaram a idealizar um espaço de cuidado fora

do âmbito familiar. Teriam sido, segundo Kuhlmann Jr. (2010), as iniciativas assistenciais e filantrópicas, políticas, religiosos, médicos e pedagógicos que impulsionaram a criação de diversas instituições com a intenção de proteger a infância e atendê-las em vários aspectos, seja ele educacional, de saúde ou de direitos sociais.

As perspectivas que orientaram a implantações de jardins de infância e creches no Brasil foram a jurídico-policial, a médico-higienista e a religiosa, todas tinham como principal objetivo combater a mortalidade infantil. Na verdade, cada instituição “apresentava as suas justificativas para a implantação de creches, asilos e jardins de infância onde seus agentes promoveram a constituição de associações assistenciais privadas” (KUHLMANN Jr., 2010, p. 88).

Nascimento (2015) coloca que o fato de o Estado não participar na implantação inicial de instituições ligadas à educação e assistência infantil, permitiu que outras entidades, sejam elas privadas, filantrópicas ou religiosas realizassem esse trabalho. Esse foi o caso da Roda dos Expostos ou também conhecida como Roda dos Excluídos, que foi umas das instituições que por mais de um século atendeu crianças desvalidas no Brasil, sendo extinta em 1950.

A infância, em dado momento histórico, revela-se como um problema social, cuja solução parecia fundamental para o país. O significado social da infância circunscrevia-se na perspectiva de moldá-la de acordo com o projeto que conduziria o Brasil ao seu ideal de nação (UJIIIE e PIETROBON, 2008, p.291).

Segundo Stephanous e Bastos (2005), no decorrer do século XX diversas creches e instituições beneficentes surgiram no nosso país, é o caso da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, criada por Anália Franco, em São Paulo no ano de 1901. Ela era responsável por organizar creches e escolas maternais, isso agregado a asilos para órfãos. A creche Sra. Alfredo Pinto e a Creche Central do Patronato de Menores surgem em 1908 no Rio de Janeiro através da iniciativa de senhoras da sociedade fluminense e juristas. Em Belo Horizonte, a prefeitura inaugura também em 1908 a Escola Infantil Delfim Moreira

O processo de questões econômicas da sociedade capitalista no Brasil, juntamente com os processos de urbanização e organização do trabalho nas indústrias acabou contribuindo com o aparecimento de creches. Com a chegada dos imigrantes ao Brasil e a inclusão da mulher como mão-de-obra, os movimentos operários começaram a ganhar força e reivindicarem melhores condições, uma delas era uma instituição de cuidados e educação para seus filhos.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternas para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternas e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Todas as conquistas, apesar de poucas, foram conquistadas com conflitos. A indústria avançava e cada vez um número maior de mulheres da classe média estava no mercado de trabalho, isso acabava aumentando a procura pelo serviço de instituições que atendiam a infância. As instituições públicas atendiam às crianças mais populares com o enfoque diferente do que acontecia com as que frequentavam instituições particulares. As famílias brasileiras ricas tinham uma visão diferente sobre o Jardim de Infância, para elas esse seria um processo educacional de progresso científico, sendo financiado pela própria classe abastada e sob a uma ideia de progresso pedagógico, que segundo Kuhlmann Jr. (2010, p. 81), “servia como uma estratégia de propaganda mercadológica para atrair as famílias abastadas, como uma atribuição do jardim de infância para os ricos, que não poderia ser confundido com asilos e creches para os pobres”.

Kramer (1995) acredita que dependendo do contexto social que a criança estivesse inserida haveria propostas diferentes, crianças vindo de classes mais baixas receberiam um atendimento mais voltado para à ideia de

carência, enquanto que as mais abastadas já recebiam uma educação pautada mais na criatividade e sociabilidade infantil.

Visando acabar com essa diferença, se pensou em um atendimento comum a todas as crianças, foi então que se deu início um processo que tinha como principal objetivo a regulamentação desse trabalho no âmbito da legislação.

## 2.2 A LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

É possível observar que, por volta de meados dos anos setenta ainda pouco se havia feito em termos de garantias em relação à educação infantil, porém, Paschoal e Machado (2009) colocam que na década de oitenta, alguns setores da sociedade, como população civil, comunidade acadêmica, organizações não-governamentais, entre outros começaram a se unir com o intuito de sensibilizar a sociedade em relação aos direitos das crianças para uma educação de qualidade desde o momento do seu nascimento. Foi apenas com a Constituição de 1988 que a criança teve garantido seu direito à educação na legislação brasileira.

Foi graças a Assembleia Constituinte que foi possível a inclusão de creches e da pré-escola no sistema educacional, fruto da participação civil e do poder público, “[...] foi um marco decisivo na afirmação dos direitos da criança no Brasil” (LEITE FILHO, 2001, p.c31). No Artigo 208, inciso IV da Constituição Federal de 1988 encontramos: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988).

Após alguns anos, foi aprovado no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8.069/90, que colocou as crianças no mundo dos direitos humanos quando regulamentou o art. 227 da Constituição Federal.

Ferreira (2000, p. 184), descreve a importância dessa lei, ressaltando que ela é mais do que um instrumento jurídico, isso porque:

Inseriu as crianças e adolescentes no mundo dos direitos humanos. O ECA estabeleceu um sistema de elaboração e fiscalização de políticas públicas voltadas para a infância, tentando com isso impedir desmandos, desvios de verbas e violações dos direitos das crianças. Serviu ainda como base

para a construção de uma nova forma de olhar a criança: uma criança com direito de ser criança. Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar. Isso quer dizer que são atores do próprio desenvolvimento.

Além da Constituição Federal de 1988, outra importante contribuição veio alguns anos após o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que aborda a composição dos níveis escolares e inseriu a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica. Essa Lei define que a finalidade da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). Segundo o Ministério da Educação, tratar os diversos aspectos como dimensões do desenvolvimento e não simplesmente como campos separados foi fundamental, já que “[...] evidencia a necessidade de se considerar a criança como um todo, para promover seu desenvolvimento integral e sua inserção na esfera pública” (BRASIL, 2006, p. 10). O art. 29 é claro quando fala que a finalidade dessa etapa educacional é “[...] promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da sociedade” (BRASIL, 1996).

Outra importante mudança refere-se à avaliação, que não teria mais a finalidade de retenção ou promoção da criança, o art. 31 estabelece que “[...] a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996).

Nascimento (2011, p. 151), após analisar a concretização das leis no cotidiano das escolas brasileiras faz questão de destacar que, apesar das diferentes políticas públicas para educação infantil tenham se pautado “[...] pela concepção de criança como sujeito de direitos e ator social”, não é isso que acaba se apresentando para a consolidação dessa cidadania. É possível ver no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) um paradoxo, isso porque ela descentralizou a educação infantil e o ensino fundamental para os municípios, porém, o Estado como federação acaba não

garantindo uma distribuição igualitária dos recursos e manutenção nos diferentes níveis de ensino.

O Ministério da Educação, publicou em 1998 em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), os “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil” (BRASIL, 1998b), que daria uma nova significância para criação de normas e diretrizes da educação da criança pequena no nosso país, e também o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (BRASIL, 1998a), concebido com o objetivo de servir de guia reflexivo de cunho educacional para os professores que atuam com crianças de zero a seis anos de idade, além de visar a implementação de práticas educativas de qualidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) é um marco, após elas, outros documentos foram publicados no sentido de garantir e ampliar o direito das crianças a uma educação infantil de qualidade, entre eles estão as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) e a base nacional Comum Curricular (2018).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), documento que orienta as práticas pedagógicas, faz referência a ao currículo como um conjunto de práticas que tem como função promover o desenvolvimento das crianças de forma integral através dos seus saberes e experiências. Segundo o documento, em referência na Educação Infantil, devem respeitar os princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009, p.18).

Nesse sentido, é importante destacar que, tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais, a criança precisa ser valorizada e considerada como ser histórico, pois, a criança é um sujeito da história capaz de transformar-se e transformar. Conforme Kramer (2006).

Embora Educação Infantil e Ensino Fundamental sejam frequentemente separados, do ponto de vista da criança não há fragmentação. Os adultos e as instituições é que muitas vezes opõem educação infantil e ensino fundamental, deixando de fora o que seria capaz de articulá-los: a experiência com a cultura. [...] Além disso, temos crianças, sempre, na educação infantil e no ensino fundamental. (KRAMER, 2006, p. 810)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que se propõe a orientar os currículos da educação básica em todas as etapas, a saber: Educação Infantil; Ensino Fundamental e Ensino Médio, conforme (BRASIL, 2015) sugere possibilidades de incluir no currículo da Educação Infantil diversas práticas culturais, sociais como forma de apropriação do conhecimento de mundo pelas crianças. Os campos de experiências são intitulados da seguinte forma: “o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimento; escuta, fala, pensamento e imaginação; traços, sons, cores e imagens; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Em cada um dos campos de experiências, são elencados seis objetivos de aprendizagem. Na BNCC é afirmado que,

As diversas possibilidades de experiências que as crianças podem usufruir, na unidade de Educação Infantil (...), não ocorrem de modo isolado ou fragmentadas, mas são promovidas por um conjunto de práticas que articulam os saberes e os fazeres das crianças com os conhecimentos já sistematizados pela humanidade. Daí a proposta do arranjo curricular para a Educação Infantil na BNC se dar em Campos de Experiências, conjuntos formados considerando alguns pontos de convergência entre os elementos que os orientam. (BRASIL, 2015, p. 20)

A BNCC teve sua primeira versão apresentada em 2015, tendo mais duas nos anos 2016 e 2017 e foi no dia 14 de dezembro de 2018 o então Ministro da Educação, homologou o documento da Base Nacional Comum Curricular - BNCC para a etapa do Ensino Médio, passando então o Brasil a ter uma Base com as aprendizagens previstas para toda a Educação Básica.

### 3. A LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é a primeira fase da formação do ser humano. Uma das formas mais antigas de passar ensinamentos para as novas gerações foi e é a contação de histórias, ela, além de transmitir conhecimento, potencializa aptidões como a oralidade e potencializa a compreensão sobre o mundo. O trabalho de leitura na escola deve começar pelo professor, ele é o narrador da história. Ao contar, ele apresenta um mundo de fantasia e o uso de acessórios contribui para o encantamento e alegria das crianças, tornando-se uma figura fundamental, contribuindo para despertar a curiosidade, estimular o desenvolvimento da imaginação e das emoções.

#### 3.1 A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL

É sabido que os primeiros livros para crianças começaram a ser produzidos apenas no fim do século XVII, até então não se escrevia para crianças, foi com o surgimento do advento da família burguesa que as crianças começaram a ganhar enfoque na transmissão de valores burgueses.

Nelly Novaes Coelho descreve a Literatura Infantil como:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p. 5).

Alguns autores fazem definições sobre a literatura infantil. Jesualdo (1978, p. 19) define literatura Infantil como “um dos aspectos da literatura dentre as várias modalidades artísticas”, Bruno Bettelheim (2007, p.12) entende que literatura infantil é aquela que tem por objetivo “desenvolver a mente e a personalidade da criança” e não somente divertir e informar, enquanto que Oliveira (1978, p. 13) descreve como “alimento do espírito da criança”, proporcionando nutrientes indispensáveis para a formação intelectual.

A literatura infantil se origina das fábulas que por vezes foram transmitidas por gerações. No Brasil ela surgiu por volta de 1808 com a implantação da Imprensa Régia como afirma Lajolo e Zilberman (1986).

[...] a tradição de as aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Sturino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1986, p. 23)

Mas, segundo as autoras, essas publicações, por acontecerem de forma esporádicas acabava sendo insuficiente para caracterizar uma produção literária brasileira. Seria apenas após a Proclamação da República que se iniciaria de fato uma literatura infantil brasileira.

No início do século XX, diversos autores como Viriato Correa, Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Manuel Bonfim, Adelina Lopes Vieira, entre outros, começariam a escrever obras visando, como ditava a crença burguesa da época, colaborar pedagogicamente com o crescimento infantil tanto na escola quanto fora dela, colaborando com valores religiosos, morais e cívicos, valores esses que a sociedade de então considerava necessários para uma formação qualificada. Gregorin Filho (2011) diz:

Educação e leitura no Brasil, do final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato, viviam alicerçadas nos paradigmas vigentes, ou seja: o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e de pureza de corpo de alma em conformidade com os preceitos cristãos. (GREGORIN FILHO, 2011, p.16)

No Brasil, Monteiro Lobato seria pioneiro a explorar o lúdico e a imaginação. Em suas escritas traz questões que quebrariam os padrões que existiam nessa literatura. Antes aos livros escritos por ele, não se identificavam obras realmente direcionadas aos leitores infanto-juvenis. Mescla o ontem e o hoje e consegue apresentar necessidades que iriam ao encontro naquele período para literatura infantil. Isso indicou um novo caminho, se tornando um divisor de eras no contexto literário. Coelho (1991) vê que Lobato mostrava de

forma irreverente para a sociedade que os valores eternizados pela tradição são falaciosos. De forma humorada realiza suas críticas, abrindo mão de destacar tensões familiares, focando apenas em aventuras infantis.

A partir de 1970, ocorre no Brasil uma democratização da escola, surgindo assim diversas produções literárias, de acordo com Aguiar (2001) é possível notar obras que apresentam qualidade gráficas e estéticas, mas outras acabam deixando a desejar, desrespeitando o seu público infantil e permitiram-se pecar “pelo pedagogismo, pela imbecilização da infância ou pela incapacidade de promover a identificação da criança com as propostas ali contidas” (AGUIAR, 2001, p.28). Essa década também ficaria marcada por um intervalo do padrão “final feliz”, trazendo assim pertinentes críticas aos costumes estabelecidos nas histórias infantis.

### 3.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por muito tempo, é através da educação que se vem procurando formas para contribuir com a formação do ser humano. A Educação Infantil é a primeira fase dessa formação, onde se pretende formar um indivíduo social, cultural e crítico. A escola é para a criança um local para ter contato com a Literatura Infantil, ali é proporcionada a ela várias maneiras de aprendizagens. Histórias infantis acabam servindo como uma ótima maneira no ato de educar, despertando sentimentos e contribuindo na forma que ela interage com o meio. Souza e Feba dizem (2011)

[...] Uma das formas mais antigas das gerações maduras passarem ensinamentos para as gerações mais novas é pela contação de histórias, muito usual nas sociedades sem escrita e sem escola. Os valores, as crenças, a cultura, enfim, é fixada por meio das histórias contadas de uma geração a outra. (SOUZA E FEBA, 2011, p.1998)

A literatura infantil tem bastante importância na vida da criança, essa experiência proporciona que ela viaje através de contos. Carvalho (1982) afirma que “o conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral”.

A contação de histórias potencializa aptidões como a oralidade, potenciando a fala pelo viés da reprodução da forma de quem o estimulou a leitura e adquire compreensão de mundo. Essa interação é, muitas vezes, o primeiro contato com os livros, tanto para falar, como para ouvir. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2018, p. 40)

Abramovich (2009, p. 16), colaborando com a temática destaque que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem que “[...] as crianças precisam ser incentivadas, quanto mais cedo melhor, para poder despertar a imaginação, criatividade, análise, senso crítico e poder de argumentação, pois os livros são ferramentas do conhecimento”. (BRASIL, 1997, Língua Portuguesa, p. 54).

É perceptível que as crianças de hoje estão acostumadas a lidar com um mundo de fácil acesso ao conhecimento, por isso, é importante a fiscalização por parte dos adultos e familiares observar esse acesso às informações. É preciso que exista pessoas que facilitem o desenvolvimento da curiosidade e que incentivem o despertar dos desejos que a leitura proporciona. Rodrigues (2005) acrescenta:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4)

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 21-22, volume 1) aponta que: “A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, como uma determinada cultura, em um determinado momento histórico”. Por isso é preciso oportunizar diálogos abertos, considerando seus sentimentos, emoções, opiniões. Souza e Feba (2011) dizem que:

De modo geral, as histórias constituem um significado especial ao universo infantil, pois através de sua narrativa, fornecem elementos favoráveis para que os pequenos se organizem internamente. A sua própria estrutura – começo, meio e fim – [...] essa é uma boa explicação para o fato de as crianças se interessarem pela história. (SOUZA E FEBA, 2011, p.102)

De acordo com o RCNEI:

A leitura de histórias é um instrumento para que a criança possa conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamento de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 143)

A contação de história é um instrumento valioso para o conhecimento, para forma de pensar, desenvolve a inteligência cognitiva, a compreensão da afetividade, a oralidade além de complementar positivamente seu comportamento como um todo. Abramovich (2009) ressalta que “é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]”

### 3.3 O PAPEL DO DOCENTE NO ESTÍMULO DA IMAGINAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

Em casa, na escola ou em qualquer outro lugar, a leitura sempre vem para contribuir. Ela é nossa companheira inseparável no decorrer da vida e a escola tem um papel primordial a cumprir, pois lá se desenvolvem uma cultura letrada. Cagliari, (1995, 29), diz que, “a leitura é a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos” e para que o trabalho de leitura na escola funcione com êxito é preciso a iniciativa do educador. Antunes (2007, p. 47) descreve que “[...] o trabalho de leitura na escola deve começar

pelo professor, para que ele, o professor, se aproxime do livro, vença suas dificuldades pessoais, amplie seus conhecimentos e cultive o gosto pela leitura e pelas atividades com livros de leitura.”

É preciso o incentivo por parte do professor, por mais que seja difícil criar esse hábito ele deve persistir sem se omitir ou se acomodar. Carvalho (1982, p. 69) ressalta que “cabe-nos mobilizar todas as armas de que dispomos, usando todos os recursos que estiver ao nosso alcance, não, evidentemente, para solucionar o problema, mas para salvar o que for possível.”

O professor é o narrador da história. Ao contar uma história ele apresenta um mundo de fantasias para as crianças. O uso de acessórios contribui para o encantamento e alegria das crianças, resultando na paixão pelos livros, mas isso tem que ser uma ação frequente na sala. O professor se torna então figura fundamental, Bettelheim contribui afirmando que:

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p. 11)

Ao executar as narrativas, é muito importante que o professor tenha em mente que seu trabalho não contribuirá apenas para desenvolver apenas a fala, mas também para outras atividades, pois haverá uma disposição maior da criança em executar outras atividades com prazer. Baseado nesse assunto, Antunes (2007, p. 36) coloca: “Se a criança ouve o professor, aprecia a história que ouve e a forma com é lida, amará esta atividade.”

Seria importante que os professores, a cada história contada, observar se há interesse por parte das crianças pela história, pois não é suficiente contá-las, é preciso envolvê-las para que desperte o prazer e o desejo pela leitura escutada, apresentar aos alunos experiências, vivências e ampliando a imaginação. Rubem Alves, nesse sentido ressalta que:

Foi D. Iva – não sei se ela ainda vive – quem me ensinou que ler pode ser delicioso como voar ou como patinar. Ela lia para nós. Não era para aprender nada. Não havia provas sobre os livros lidos. Ela lia para tivéssemos o prazer dos livros. Era pura alegria. Poliana, Heidi, Viagem ao céu, O saci. Ninguém faltava, ninguém piscava. A voz de D. Iva nos introduzia num mundo encantado. O tempo passava rápido demais. Era com tristeza que víamos a professora fechar o livro (ALVEZ, 2006, p. 62)

A citação demonstra a necessidade e a importância de os professores dedicarem esforços em habilidade e competências que estimulem a imaginação das crianças, pois a contação de histórias, além de tudo, aguça a criatividade, curiosidade e promover o desenvolvimento da linguagem. Souza e Feba afirmam que:

As narrativas presentes nos livros de literatura infantil contam uma experiência de vida e essa “fantasia do real” permite uma identificação entre o narrador e o ouvinte, constituindo-se repleta de significados. O leitor/ouvinte é capaz de apossar-se dela de modo a torná-la sua própria história [...] (SOUZA; FEBA, 2011, p. 103)

O interesse pela história traz uma experiência, fantasiosa ou não, que acaba gerando uma identificação para quem a escuta e, muitas vezes, o ouvinte acaba se apropriando da história como algo que venha a fazer parte de sua vida.

#### 4. METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se por uma pesquisa de campo, que busca de modo direto a investigar a realidade, sendo assim a partir da coleta dos dados é feito o registro do que foi estudado.

Segundo Lima (2004) a pesquisa de campo,

[...] pressupõe a apreensão dos fatos/variáveis investigados, exatamente onde, quando e como ocorrem. Nessas circunstâncias, o pesquisador deve definir o que e como irá apreender, considerando o objetivo da pesquisa realizada e da realidade investigada (LIMA, 2004, p. 51).

Para responder a questões particulares foi escolhida uma abordagem qualitativa, pois é uma forma de levantar e analisar dados que irão contribuir para o cumprimento dos objetivos.

Para Minayo (2002),

A pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 22).

O instrumento de coleta escolhido foi o questionário que, possibilita conhecer de forma sistemática e exploratória o trabalho desenvolvido com a literatura infantil.

Os sujeitos da pesquisa foram 03 professoras do Pré I do Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) na cidade de Sapé/PB. A escolha dessas profissionais se deu em virtude da facilidade de acesso ao local, pois trabalham próxima a minha residência e também porque foi à instituição onde fiz meu estágio, desenvolvendo um laço de amizade com as professoras e com todos que lá trabalham.

Para coletar os dados necessários, foi utilizado um questionário com 6 perguntas aberta para à obtenção de respostas subjetivas, o que possibilita ao participante descrever de forma mais clara suas experiências e uma de múltipla escolha questionando o gênero literário ou textual mais admirado pelas crianças.

Com os dados obtidos na pesquisa, foi possível sistematizar as respostas do questionário. Os sujeitos dessa pesquisa foram identificados como Prof. A, Prof. B e Prof. C, respeitando o acordo de sigilo.

Focado na análise do conteúdo que as respostas foram compiladas e analisadas, no próximo capítulo serão apresentados todos os dados coletados juntamente com a análise realizada da pesquisa de acordo com os objetivos propostos.

## 5. DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS

A partir desse capítulo passaremos às análises das respostas dadas pelas professoras que atuam no Pré I do Centro de Referência em Educação Infantil – CREI. Foi através de questionário que foi possível colher os dados para a análise desse trabalho.

As professoras que responderam ao questionário tem formação em Pedagogia. Uma delas possui além da graduação, duas pós-graduações, sendo um curso de Especialização em Psicopedagogia e o outro em Supervisão Escolar; outra professora tem pós-graduação no curso de Especialização em Psicopedagogia. Todas têm dez anos ou mais de experiência de trabalho na educação infantil.

Aqui, procurar-se uma tentativa de análise das respostas, porém, sem esgotar as possibilidades de interpretação das informações coletadas. Os quadros apresentados a seguir contêm as informações obtidas no questionário.

Diante do exposto, ao perguntar às professoras se elas costumam utilizar obras de literatura infantil em sala, as respostas foram as seguintes:

Quadro 01: Você costuma utilizar obras de literatura infantil em sala? Por quê?

Prof. A	Sim. Acredito que estimula a imaginação da criança de forma positiva, fazendo com que a criança viaje no tempo e sinta-se no local, no cenário onde a história contada acontece.
Prof. B	Utilizamos com o objetivo de estimular o pensamento crítico e reflexivo.
Prof. C	Sim, pois instiga a atenção dos alunos, promove o trabalho em grupo e resgata a criatividade de cada um.

Fonte: Dados da pesquisa 2022.

Todas as professoras trabalham obras literárias em suas respectivas salas. É possível perceber por suas respostas que ao estimular a imaginação das crianças elas estão visando à construção de conceitos, que contribui para desenvolver aptidões, estimulam a reflexão e a criticidade. Há uma aproximação como imaginação e com a valorização do que o imaginário infantil pode revelar.

O acompanhamento de ações imaginárias, relatadas mediante o simbolismo da linguagem, além de divertimento, permite uma reordenação afetiva e intelectual das vivências, que respondem às necessidades infantis (GREGORIN FILHO, 2012, p. 48).

Na pergunta sobre a forma como elas realizam as atividades que envolvem a literatura infantil em sala, as professoras emitiram as seguintes respostas:

Quadro 02: De que forma são realizadas as atividades que envolvem a literatura infantil em sala?

Prof. A	As atividades são realizadas através do lúdico, com mini teatro, músicas e brinquedos lúdicos e pedagógicos que possam envolver na história, além da caracterização voltada para a história.
Prof. B	Varal literário, contação de histórias, teatro utilizando histórias e desenho sobre a história.
Prof. C	Através de leitura, contos, músicas, utilização de fantoches, vídeos e etc.

Fonte: Dados da pesquisa 2022.

A resposta de todas as professoras demonstra que é comum a contação de história usando recursos de faz de conta, personagens e até fantoches. A utilização de recursos lúdicos com personagens desenvolve a linguagem oral e pode por sua vez despertar a curiosidade, o questionamento, a interação e a indagação. Segundo Cabral (2006), a utilização de tais recursos.

Está centrada na interação com contexto e circunstância diversas, em que os participantes assumem papéis e vivem personagens como se fizessem parte daquele contexto naquelas circunstâncias o aluno é o autor de sua criação. (CABRAL, 2006, p.33)

Na questão número 3 foram enumerados alguns gêneros literários e foi solicitado as professoras que marcassem aqueles que mais são admirados pelas crianças. As opções que constaram no questionaram foram: poesia, contos, histórias em quadrinhos, fábulas, lendas e prosa.

Quadro 03: Qual gênero literário (ou textual) é mais admirado pelas crianças?

Prof. A	Contos e fábulas
Prof. B	Poesia, conto, histórias em quadrinhos, fábula e lendas
Prof. C	Contos e fábulas

Fonte: Dados da pesquisa 2022.

Em sua maioria, as respostas indicam que contos e fábulas são os gêneros literários mais admirados pelas crianças. Apenas a **Prof. B** destacou gêneros diferentes escolhidos por seus alunos que foram poesia, história em quadrinhos e lendas.

A quarta questão indaga se elas encontram alguma dificuldade para trabalhar a literatura infantil em sala.

Quadro 04: Você encontra alguma dificuldade para trabalhar a literatura infantil em sala?

Prof. A	Não. Antes de contá-las é preparado cenários ou cartazes que possam chamar a atenção das crianças para aquele momento.
Prof. B	Não.
Prof. C	Sim. Nem sempre está disponível os recursos didáticos para contação.

Fonte: Dados da pesquisa 2022

As **Prof. A e B** afirmaram que não encontram dificuldades. A **Prof. A** ainda mencionou a preparação que é feita antes da contação de história, já a **Prof. B** deu uma resposta mais evasiva, que deixa margem para interpretações que pode significar uma não apreciação pela literatura, que tenha ações que favoreçam o prazer pela literatura ou até mesmo não entender o papel da literatura. A **Prof. C** apresenta a indisponibilidade de recursos didáticos, o que apresenta uma problemática sobre a necessidade de um acervo maior e melhor. Claudio (2015) fala da importância e relevância da pesquisa na área da literatura:

É necessário que ela seja discutida, pesquisada, contextualizada, por possuir funções sociais, de conhecimento,

de ludicidade, pelo desenvolvimento cognitivo, por provocar a criticidade, proporcionar autonomia, mexer com as propriedades fantásticas, enfim, por formar o homem (CLAUDIO, 2015, p. 16).

Quando indagadas sobre se possuíam propostas que orientassem sua prática na utilização da literatura infantil na sala, as respostas apresentadas foram às seguintes:

Quadro 05: Você tem alguma proposta pedagógica que oriente a sua prática na utilização da literatura infantil na sua sala?

Prof. A	Costumo, antes de fazer qualquer leitura em sala, realizá-la em casa para poder montar o cenário, cartaz e roupa que sejam características da historinha que será contada em sala. Desta forma buscando envolver mais os alunos.
Prof. B	Sim. Durante formações, cursos e trajetória na educação buscamos conhecer propostas e assim trabalhamos inúmeras práticas pedagógicas que levem os alunos a desenvolver competências e habilidades.
Prof. C	Não.

Fonte: Dados da pesquisa 2022.

Aqui temos divergências nas respostas. A **Prof. C**, em sua resposta, diz que não se utiliza de nenhuma proposta pedagógica que oriente sua prática na utilização da literatura infantil. A **Prof. A** e **Prof. B** responderam que sim, mas com algumas diferenças, a **Prof. A** descreveu como costuma se preparar para envolver mais as crianças. Ela costuma fazer a leitura prévia em casa e prepara o cenário com antecedência. A **Prof. B**, apesar de afirmar que tem uma proposta pedagógica que orienta sua prática, não descreveu qual seria ela, apenas respondeu que no decorrer de formações e de sua trajetória na educação conheceu diversas propostas e trabalha inúmeras com o objetivo de desenvolver competências e aptidões nos alunos.

Ao serem questionadas sobre se a escola desenvolve algum projeto de incentivo à leitura que envolva a literatura infantil, as professoras responderam:

Quadro 06: A escola desenvolve algum projeto de incentivo à leitura que envolve a literatura infantil?

Prof. A	Sim. Temos o projeto leitura na mala onde a criança pode levar o livro para casa reproduzir a historinha ouvida em sala de aula.
Prof. B	Não.
Prof. C	Não.

Fonte: Dados da pesquisa 2022.

A **Prof. A** afirma em sua resposta que sim, a escola tem um projeto de leitura chamado “Leitura na Mala”, onde as crianças podem levar os livros para casa para reproduzirem as historinhas ouvidas em sala para as pessoas que moram com ela. As **Prof. B** e **Prof. C**, em suas respostas, disseram que desconhecem qualquer projeto vindo da escola que tenha um objetivo de incentivar a literatura infantil.

Kaercher (2010) diz que para o trabalho com literatura infantil seja realizado e que realmente adote verdadeira identidade é necessário,

Assumir o compromisso de acervo e de implementação de uma política de formação em serviço dos educadores para promoção da formação do leitor literário. Significa promover leituras e discussões com os educadores, permitir que eles se capacitem em cursos para contadores de histórias, jogos dramáticos, teatro, entre outros. (KAERCHER, 2010, p. 136)

Outro aspecto questionado às professoras foi se elas acreditavam que a literatura infantil está contribuindo para o desenvolvimento das crianças. As respostas obtidas foram as seguintes.

Quadro 07: Você acredita que a literatura infantil está contribuindo para o desenvolvimento das crianças da sua sala? Por quê?

Prof. A	Sim. Através dela a criança trabalha a sua imaginação, tornando-se crianças criativas e mais dispostas para a aprendizagem.
Prof. B	Sim. Contribui de forma positiva para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.
Prof. C	Sim, pois está despertando a curiosidade dos mesmos em ler e escrever, como também a produção de conhecimento e vivência.

Fonte: Dados da pesquisa 2022

Foi comum entre as respostas dadas pelas professoras a importância que elas dão a literatura infantil para o desenvolvimento das crianças. Há uma percepção da contação de história voltada para imprimir valores, alcançar aptidões necessárias, focando na ludicidade, no prazer e na alegria.

O momento da contação de histórias deve, portanto, ser bem aproveitado. O professor precisa explorar essa arte com criatividade e beleza de modo a instigar a imaginação das crianças; desenvolver a oralidade – quando oferecer a elas a oportunidade de interagir com a história contada; sugerir o relato, que propicia um momento de conhecer a percepção dos alunos, explorar e ampliar seus conhecimentos lingüísticos, e favorecer a aprendizagem diferentes. (NEDER et AL, 2009, p. 62)

No momento da contação de histórias é possível perceber a capacidade perceptiva do aluno, contribuir para maior conhecimento do mundo. Assim a leitura de histórias desperta o imaginário, a criatividade, a imaginação, contribui para ampliação dos conhecimentos, além de possibilitar a criança de relacionar as histórias que ouve com suas experiências.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do panorama exposto na pesquisa, pode-se observar que a literatura infantil é utilizada no cotidiano das professoras da manhã do Pré I do Centro de Referência em Educação Infantil (CREI). As professoras trabalham obras literárias com o objetivo de estimular a imaginação das crianças e assim construir conceitos que desenvolva reflexões e a criticidade, havendo pouca preocupação por parte delas de que o aluno ali esteja desenvolvendo a escrita. Elas veem a contação de história como um momento de instigar a atenção e a criatividade dos alunos.

As atividades propostas por elas no momento da contação de história envolvem diversos recursos como músicas, fantoches, miniteatros e brinquedos, tudo com o objetivo de envolver as crianças na história, sendo contos e fábulas os gêneros literários preferidos pelas crianças.

Algumas professoras disseram não ter dificuldade alguma para trabalhar literatura infantil em sala, porém, uma professora relatou que nem sempre há recursos didáticos disponíveis para contação.

Sobre as propostas pedagógicas, observou-se que as professoras tiveram compreensões diferentes sobre essa questão. Uma professora afirmou que não se orienta por nenhuma proposta pedagógica, já houve outras que afirmaram ter uma proposta pedagógica que oriente sua prática, percebeu-se que apenas uma descreveu sua proposta, a outra falou das formações que já participou no decorrer de sua trajetória, disse que utiliza algumas delas com os alunos, mas não descreveu no questionário quais seriam elas.

Houve também uma divergência quando o assunto abordado foi sobre se a escola possuía algum projeto de incentivo à leitura infantil. Tivemos duas professoras respondendo que no Centro de Referência em Educação Infantil – CREI não há nenhum incentivo, porém, uma professora afirmou que existia um projeto chamado “leitura na mala” onde as crianças poderiam levar livros para casa para reproduzirem historinhas ouvidas na escola.

Após as análises realizadas e respondendo as questões de pesquisa desse trabalho, é possível perceber que todas as professoras acreditam na contribuição que a literatura infantil pode trazer para as crianças, destacando sua importância para imaginação, criticidade, desenvolvimento social,

emocional e cognitivo, demonstrando que todas tem uma boa compreensão acerca da utilização da literatura infantil. Suas fontes teóricas não ficaram claras, apesar de terem um tempo considerável na educação, e possuírem pós-graduação, não obtivemos nenhuma resposta que nos informasse sobre esse assunto, mas foi possível identificar diversas técnicas utilizadas por elas na contação de história como: miniteatro, músicas, brinquedos lúdicos, varal literário, desenhos sobre a história, utilização de fantoches etc.

A construção desse trabalho me fez compreender a potencialidade da literatura infantil. Ela apresenta várias significações, trabalha com múltiplos sentidos para todos que a encontram. É muito importante criar e proporcionar estratégias e mecanismos para a leitura que é lida para as crianças, não como um pretexto para abarcar conteúdo didático, mais sim de mediar, a cada história contada, a constituição de sua própria formação.

## REFERÊNCIA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

AGUIAR, Vera Teixeira. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte. Formato Editorial, 2001.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores**. Orientações para o trabalho com literatura infantil, vol. 1, São Paulo: Global Editora, 2007.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/CNE, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB Nº 5/2009**. Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil. Brasília: MEC/CNE, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Coordenação Geral de Educação Infantil, v. 1 e 2. Brasília, DF: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998b.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

BRASIL. Presidência da República. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069**, de 13 de junho de 1990. Brasília, DF: Casa civil, 1990.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996-LDB**. Brasília: Casa civil, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. v 1e 2. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 020/2009.** Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** - Introdução. v. 1. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** - Conhecimento de Mundo. v. 3. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.
- CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino.** São Paulo: Hucitec, 2006.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. IN: **A leitura.** Scipione, São Paulo, 1995.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos. **A literatura infantil: Visão histórica e crítica.** Edart, São Paulo, 1982.
- CLAUDIO, Ana Cristina. **A escolarização da literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental:** um processo subsidiário aos fins pedagógicos. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015. Disponível em [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126652/000837763.pdf?seq\\_uenc\\_e=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126652/000837763.pdf?seq_uenc_e=1&isAllowed=y). Acesso em 31 maio 2022.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** 1ª edição. São Paulo. Editora Moderna. 2000.
- FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (Org.). **Os fazeres na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2000.
- Gregorin Filho, J. N. (2011). Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In J.N. Gregorin Filho, P. C. Pina, & R. S. Michelli, **A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras** (pp. 12-25) Rio de Janeiro: Dialogarts. ISSN 1980-6248 V. 27, N. 2 (80) | maio/ago. 2016 21-46 41
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil:** múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- KAERCHER, G. E. P. S. **Literatura infantil e educação infantil: um grande encontro.** Acervo digital da UNIVESP - Universidade Virtual do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.pdf>. Acesso em: 30 de maio 2022.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006 809

KUHLMANN JR. Moysés, M. A circulação das ideias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: KUHLMANN JR., M.; FREITAS, M. C. de. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: Histórias, autores e textos**. São Paulo: Global ed., 1986.

LEITE FILHO, A. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (Orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 29-58. (Coleção O sentido da escola; 18).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado. Processo histórico da educação infantil no Brasil: educação ou assistência. In: Congresso Nacional de Educação, 12, 2015. Curitiba. **Anais do Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: Grupo de Trabalho – Educação da Infância, 2015. p. 1-17.

NASCIMENTO. Maria L. Algumas considerações sobre a infância e as políticas de educação infantil. **Educação & Linguagem**. v. 14. n. 23/24 146-159, jan./dez. 2011.

NEDER, Divina Lúcia de S. Medeiros, et al. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. **Pedagogia em ação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 61-64, jul. 2009. ISSN 2175-7003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/648>. Acesso em: 30 de maio 2022.

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Antenor S. **Curso de literatura infantil**. São Paulo, SP: Santos de Oliveira, 1978.

PASCHOAL, Jaqueline. Delgado.; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33.8639555. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>. Acesso em: 07 jan. 2022.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de história**. Goiânia: Gwaya, 2005.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. 3 volumes. Rio de Janeiro: Vozes, 2005

UJIE, Nájela Tavares; PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. O movimento a favor da infância no Brasil. **Cadernos do CEOM – Memória, História e Educação**. Chapecó, SC, ano 21, n. 28, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Download/166-497-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2022.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### QUESTIONARIO DE PESQUISA MONOGRÁFICA

TEMA: LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES E ESTÍMULOS PARA IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS

Caro Professor (a),

Solicitamos que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo relativo ao trabalho monográfico, imprescindível para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lembrando que as respostas servirão apenas para fins acadêmicos, mantendo assim suas identidades em absoluto sigilo. Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Camila Barbosa Reinaldo

---

Professor(a)

---

Assinatura e carimbo do(a) Getor(a)

**APÊNDICE B****QUESTIONARIO / PROFESSOR (A)**

LOCAL: \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

FORMACAO: \_\_\_\_\_

TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCACAO: \_\_\_\_\_

1. Você costuma utilizar obras de literatura infantil em sala? Por quê?
2. De que forma são realizadas as atividades que envolvem a literatura infantil em sala?
- 3 . Qual gênero literário (ou textual) é mais admirado por seus alunos?  
 poesia                     contos                     histórias em quadrinhos  
 fabula                     lendas                     prosa
4. Você encontra alguma dificuldade para trabalhar a literatura infantil em sala?
5. Você tem alguma proposta pedagógica que oriente a sua prática na utilização da literatura infantil na sua sala?
6. A escola desenvolve algum projeto de incentivo à leitura que envolva a literatura infantil?
7. Você acredita que a literatura infantil está contribuindo para o desenvolvimento das crianças da sua sala? Por quê?